


ANÁLISE DE ARTIGOS CIENTÍFICOS SOBRE GÊNERO FEMININO NEGRO NAS REDES SOCIAIS

ANALYSIS OF SCIENTIFIC ARTICLES ON BLACK FEMALE GENDER IN SOCIAL NETWORKS

Mory Marcia DE OLIVEIRA LOBO¹ e Cristiano MACIEL²

¹ *Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil*
caffenatasoul@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0001-6470-1074>

² *Instituto de Computação e Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil*

crismac@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-2431-8457>

RESUMO: A proposta do estudo em voga traça um mapeamento de pesquisas acadêmicas publicadas em artigos científicos publicados em um marco temporal de 2009 a 2019. O estudo baseia-se na pergunta central: o que está sendo produzido e registrado via artigos científicos sobre a temática do gênero feminino negro especialmente por mulheres negras em redes sociais? Em busca de respostas para esta questão, o presente trabalho analisa sete produções relacionadas ao tema, com base na busca, sete artigos foram compilados por meio do Estado da Arte. Tal método consiste em mapear as pesquisas realizadas no tema proposto, identificando as áreas de estudos em maior ou menor ênfase, trazendo um recorte espacial e temporal considerando os protocolos, contextos culturais e socioeconômicos, e analisando as produções. Entre os resultados, se constatou que os discursos e modos de representações comportamentais sedimentam padrões sociais que estruturam o pensamento e o comportamento de toda uma nação permeadas por distribuição desigual de oportunidades para a equidade e sistemas de opressão e discriminação relacionada a gênero, raça e classe. Entre as conclusões está que, a exemplo do Brasil, há uma sobreposição de identidades sedimentadas pelo histórico de racismo e sexismo, dois temas muito bem tratados nos sete trabalhos analisados destacando a reflexão sobre a complexidade do pensamento desenvolvido no projeto de estado-nação que contribuam para a busca de espaço para escrita negra dentro e fora do campo clássico acadêmico.

PALAVRAS-CHAVE: gênero negro feminino; mulher; redes sociais.

ABSTRACT: The proposal of the study in vogue traces a mapping of academic research published in scientific articles published in a time frame of 2009 to 2019. The study is based on the central question: what is being produced and recorded via scientific articles on the theme of black female gender especially by black women in social networks? In search of answers to this question, the present work analyzes seven productions related to the theme, based on the search, seven articles were compiled through the State of the Art. This method consists in mapping the researches carried through in the proposed theme, identifying the areas of studies in greater or lesser emphasis, bringing a spatial and temporal cut considering the protocols, cultural and socioeconomic contexts, and analyzing the productions. Among the results, it was found that the discourses and modes of behavioural representations sediment social patterns that structure the thought and behaviour of an entire nation permeated by unequal distribution of opportunities for equity and systems of oppression and discrimination related to gender, race and class. Among the conclusions is that, as in Brazil, there is an overlapping of identities sedimented by the history of racism and sexism, two themes very well treated in the seven works analysed highlighting the reflection on the complexity of the thought developed in the nation-state project that contributed to the search for space for black writing inside and outside the classical academic field.

KEYWORDS: black female gender; woman; social networks.

1. INTRODUÇÃO

As pesquisas que abordam a temática do gênero feminino negro alcançaram expressiva visibilidade nos últimos vinte anos. Estudos e teorias voltados para a agenda de mulheres negras vêm despontando no cenário da escrita negra na qual as redes sociais constituem um campo fértil para visibilizar as pautas de resistências ao recrudescimento da expressão violenta do racismo e sexismo no Brasil.

Por sua vez, o ciberespaço é um lugar de partilha, que potencializa a compreensão de determinados fenômenos comportamentais que passam por aprendizagens contextualizadas pelo discurso, ideologias são representadas nas diferentes formas de dialogar expressar-se e auto representar-se em rede. Nesses espaços, a agenda do gênero feminino negro, utiliza-se de linguagens e simbologias, e propõe a alcançar internautas fora dos espaços clássicos das universidades com o principal objetivo de promover um processo de descolonização do conhecimento.

Neste contexto, esta pesquisa busca respostas à pergunta central: o que está sendo produzido e registrado via artigos científicos sobre a temática do gênero feminino negro especialmente por mulheres negras em redes sociais? Como objetivo, o presente artigo realiza a análise de artigos científicos relacionadas ao tema.

A base teórica destina-se em discutir os elementos estruturais do gênero feminino negro nas redes sociais permeados por um ativismo que busca desconstruir discursos racializados nas relações de poder relacionados á opressão, discriminação e dominação nas quais são identificados desdobramentos sobre a ideologia do branqueamento discutidas por Munanga (1999), Davis (2016) e Santos (1983).

As produções analisadas abordam essas discussões a luz de todo um histórico social em torno de raça, classe e gênero nos quais foram observados para este trabalho as por áreas de estudo, objetos, objetivos e metodologias de artigos científicos de pesquisadores de diversas áreas que utilizam do espaço das redes sociais para compreender como os estudos de gênero feminino negro está sendo abordado dentro do processo de descolonizar pensamentos e identidades mistas das massas pelo conhecimento de suas produções em uma epistemologia baseada na cosmovisão africana com o intuito de responder aos anseios e realidades de quem nasce negro no Brasil.

No percurso da pesquisa deste artigo, via Estado da Arte (Romanowski & Ens, 2006; Ferreira, 2002) foram observados diversos trabalhos nos quais se percebe que há um esforço consistente de pesquisadores nos anos de 2009 a 2019, com vasta literatura rica em diversidades de temas sobre as questões raciais no Brasil em diversas áreas de conhecimento. Entretanto, o objetivo deste trabalho limita-se a investigar pesquisas sobre gênero feminino negro em redes sociais e sobre esse recorte as expectativas diminuíram expressivamente, ficando somente sete trabalhos que corresponderam com maior contundência ao objeto deste estudo.

Cabe ainda ressaltar que esse artigo complementa outro estudo de mesma autoria (Lobo & Maciel, 2021), que analisou o mesmo objeto em teses e dissertações no Brasil, permitindo, nas conclusões, um cotejo de todos os achados.

O trabalho foi dividido em quatro seções que melhor definem as estruturações da pesquisa. Na primeira seção apresenta-se o Estado da Arte, na segunda seção a síntese e o resultado da busca. Na terceira seção às análises de sete artigos e, na quarta seção, uma discussão inicial dessas análises, à guisa de conclusão.

2. METODOLOGIA

O Estado da Arte é uma metodologia de abordagem qualitativa pela categoria descritiva e analítica que permite observar a evolução das pesquisas por área de conhecimento, assim como perceber as características que embasam esses estudos e identificando lacunas, fragmentos e compara-los com outras análises padronizadas por elementos e critérios para a busca (Romanowski & Ens, 2006, pp. 40-43).

Desta forma, Romanowski e Ens (2006) destacam que essa modalidade de pesquisa emprega um caráter bibliográfico buscando esmiuçar, estruturar e organizar uma produção em determinada área de conhecimento contextualizando a compreensão do saber ou prática que foi desenvolvida dentro da proposta temática do trabalho.

Romanowski e Ens (2006, p. 4) argumentam que uma pesquisa de tipologia Estado da Arte necessita de procedimentos claros para uma eficiente busca na definição dos descritores e as bases de dados para acesso das produções. As autoras reiteram que há uma gama de parâmetros fundamentais para realizar a seleção e compor um corpus para o Estado da Arte:

[...] leitura das publicações com elaboração de síntese preliminar, considerando o tema, os objetivos, as problemáticas, metodologias, conclusões, e a relação entre o pesquisador e a área; – organização

do relatório do estudo compoendo a sistematização das sínteses, identificando as tendências dos temas abordados e as relações indicadas nas teses e dissertações; – análise e elaboração das conclusões preliminares. (Romannowski & Ens, 2006, p. 40).

Cabe ressaltar que existem distintas redes sociais e cada uma delas possui seus objetivos (Maciel, 2014), o que deve ser considerado ao fazer pesquisa neste campo (Fragoso, Recuero & Amaral, 2013). Observar o transitar de mulheres negras consumidoras e produtoras de tecnologias em rede, aponta para uma análise minuciosa sobre os espaços negados a essas mulheres, dados a todo um contexto histórico em que pessoas com a cor de pele preta são desconsideradas aos da pele branca (Munanga, 1999).

A representação do gênero feminino negro no ciberespaço também instiga a refletir sobre a imagem estereotipada da mulher negra ainda alvitrada e silenciada, sucumbida a um limbo epistemológico que sistematicamente irá fugir a sua referência, como ser humano principalmente no triste histórico da formação do pensamento racial no Brasil.

Davis (2016, p. 18) contextualiza essa questão para o campo do gênero feminino negro enfatizando o lugar social no histórico de vida de mulheres relacionadas a uma estrutura de ordem patriarcal, racista e burguesa de exploração. Para a autora, há uma ideia inculcada de uma falsa liberdade social em meio a lutas por acesso a direitos sociais, condições de trabalhos, dignidade de moradia, educação, entre outros, selando um novo processo de escravidão por dispositivos ideológicos.

Neusa Santos Souza (1983), psicanalista brasileira, em sua obra *Torna-se Negro*, alerta sobre os desdobramentos da ideologia do branqueamento frente à falsa democracia racial, o narcisismo ideal e o ideal do ego frente as relações do negro com o branco e a produção de conhecimentos de aquisição dominantes feitas para o negro.

Essas questões não estão alheias à realidade da mulher negra brasileira levando em consideração todo um histórico de racismo, sexismo, misoginia, em um campo de grandes contradições, padrões e regras impostas regradas à violência física, verbal e intelectual que aparecem nos trabalhos analisados neste artigo pelo Estado da Arte.

2.1. PROTOCOLO

Para busca e seleção dos trabalhos publicados optou-se por utilizar o Google Acadêmico, devido ao fato de esse indexar diferentes bases, contemplando artigos científicos de revistas e de eventos, por exemplo. Os descritores utilizados para realização da busca, realizadas em etapas por conjunto de descritores, foram: «mulheres negras e redes sociais», «feminismo negro em redes», «gênero negro em redes», «mulheres negras Youtubers» e «mulheres negras e Facebook».

A busca teve início levando em consideração apenas os títulos dos trabalhos, tendo como critério a seleção de todos os trabalhos que tivessem pelo menos um dos descritores contidos no título. O recorte temporal recuperou, projetou e reuniu pesquisas dos últimos dez anos, de 2009 a 2019. O segundo critério de seleção foi à busca pela cobertura de um conjunto maior

de descritores no resumo dos trabalhos. Foram excluídos os trabalhos que não correspondiam com a busca restando sete artigos que atenderam aos critérios estabelecidos.

A análise foi realizada buscando responder aos seguintes questionamentos: Quais são as áreas de estudo e objetos das pesquisas sobre gênero feminino negro? Quais são os objetivos das pesquisas desenvolvidas sobre gênero feminino negro nas tecnologias, em especial, nas redes sociais? Quais metodologias foram utilizadas para o desenvolvimento das pesquisas?

As áreas de estudos apontadas pelos trabalhos assinalaram os critérios utilizados para o desenvolvimento das análises nos quais os procedimentos somam observar: conceitos centrais e articulações teórico-metodológicas dos estudos. Todavia, por questões espaciais, na próxima seção, buscou-se focar na descrição sintética da construção metodológica das pesquisas.

3. ANÁLISE E RESULTADO

Nesta seção serão analisados sete artigos publicados em revistas científicas e eventos tomando por base os critérios citados na sessão anterior. Os trabalhos foram analisados de forma decrescente de ano, do maior para o menor, facilitando assim a compreensão das mudanças traduzidas ao longo de dez anos.

O primeiro artigo trata da pesquisa de Raul (2019), intitulado «Entre silêncios e protestos uma reflexão sobre a escrita preta no ciberespaço». A pesquisa de abordagem qualitativa exploratória aplicada na internet apresenta uma análise interseccional de plataformas como espaço de mobilização de mulheres negras observando o que a autora vai chamar de «pedagogias negras», buscando identificar uma escrita ciberativista tendo por base os conceitos de auto-definição e autorrepresentação. A autora contextualizou a luta de mulheres pretas por espaços de fala e escuta trazendo a interseccionalidade como reflexão desse movimento no contexto da cibercultura acreditando em uma desestabilidade da falsa democracia racial no Brasil pela multiplicidade que hoje se aplica a essas vozes na internet. O artigo aponta a Geledés Instituto da Mulher Negra como um desses espaços presentes em variadas páginas e o site Alma Preta com uma diversidade e visibilidade crescente do ciberfeminismo.

Para a discussão das produções a autora contextualiza os ataques racistas na internet utilizando da gíria chamada *bater* na cibercultura, que significa odiar (falar mal do outro na internet) e faz referência ao hip hop norte-americano relacionando a questão a opressão, dominação e discriminação á ação dos haters apresentando episódios de racismo nas redes. A grande crítica apresentada no artigo faz referência a pesquisas que demonstram a neutralidade dos algoritmos com relação ao racismo treinados com a polarização dos dados e susceptíveis à reprodução dos estereótipos. O artigo conclui que o ciberespaço colabora para a construção de uma subjetividade negra, coletiva, racializada e organizada para um ativismo combatente ao racismo e sexismo enquanto prática de intervenção, no entanto, é um campo aberto para práticas de racismo e misogínia virtual.

O segundo artigo apresenta o trabalho de Paz e Junqueira (2019), intitulado «Narrativas audiovisuais de mulheres negras e mobilização de processos formativos». O trabalho analisa processos formativos através dos conteúdos de narrativas do *YouTube*, visualizadas e

compartilhadas por mulheres negras partindo do conceito de gênero, raça e classe. Nesse percurso, busca-se relacionar fatores externos contextualizados por uma formação experiencial desenvolvida por interações e apropriações políticas em um processo consciente que se dá a partir de fatos e conhecimentos. Os autores tomam por principal objetivo compreender de que maneira os processos formativos promovem a descolonização a seus seguidores nos canais da plataforma digital, observando os percursos e experiências dessas mulheres incluindo a percepção de outras referências de conhecimento além do acadêmico. A abordagem metodológica trouxe um caráter Etnográfico, com Observação Participante e entrevista semiestruturada, para a observação de três canais. Nos procedimentos foram selecionados conteúdos de 12 vídeos publicados em cruzamento aos questionários de entrevistas com as mesmas.

A pesquisa concluiu que há uma forte discussão em torno da narrativa racial colonizada sobre a estética e identidade da mulher negra e por meio de conteúdos descolonizadores há um contraponto de resistência que proporciona um processo formativo amplo aos internautas.

O terceiro artigo traz os pesquisadores Almeida e Brandão (2018), intitulado «Participação e Inserção Social: protagonismo da mulher negra em canais do YouTube». O artigo apresenta uma vitrine de dados que destacam a participação de mulheres negras nos debates políticos em rede, buscando compreender os avanços, formação de opinião, construção e desconstrução de pautas por meio de vídeos no canal *YouTube*. A discussão central organiza-se em torno da instrumentalização que a internet oferece a essas mulheres. Os dados foram coletados por meio do método de Revisão Bibliográfica, observação e registro de dois canais que evidenciam o cenário político social, estética negra, empoderamento na plataforma do *YouTube*, analisando números de visualizações, temáticas e interações dos internautas.

O trabalho constatou que a procura por estética relacionada à beleza e cabelo é bem maior que outras esferas de interesses. Há também, de acordo com os autores, uma gama de informações e conteúdos contextualizados pelos internautas com participações que remetem que a inserção é autônoma e proporciona conhecimentos de politização. Nesse sentido, os autores compreendem que há um grande impulso da formação da representatividade geradora pelo empoderamento do corpo negro acabando por ser um instrumento de emancipação social pelo interesse de conhecer e reconhecer seus direitos quanto ser social.

O quarto artigo contextualiza o trabalho dos pesquisadores Cruz e Brandão (2018), intitulado «Representação da Mulher Negra na Cultura Digital: combate ao preconceito na rede». O artigo apresenta um mapeamento das redes digitais que combatem o preconceito racial em rede tendo por base a cultura digital trazendo como principal objetivo discutir as movimentações ideológicas e o posicionamento de mulheres negras bem como a resistência às relações de poder, combate ao racismo e sexismo misógino. A metodologia baseou-se em uma revisão de literatura que selecionou preconceitos que envolvem racismo e misoginia com desembocamento no sexismo e como acontece o combate nas redes.

Com base no fenômeno técnico, o trabalho concluiu que nos comportamentos racistas e misóginos nas redes há um estímulo de relações intersubjetivas que influenciam uma comunicação multilateral, resignificando sujeitos e sua realidade, e dando poder de voz. Nesse sentido, o preconceito direcionado à mulher negra aparece nos dados coletados em maior intensidade.

O quinto artigo traz o trabalho de Silva e Braga (2016), intitulado «Racismo e Sexismo Sofrido por Mulheres negras no Facebook». O artigo contextualiza um estudo sobre preconceito racial de gênero feminino negro no Facebook tendo por base metodológica a abordagem qualitativa exploratória através de entrevista, com quatro participantes ancorado no que os autores chamam de webpreconceito. O objetivo da pesquisa busca compreender como ocorrem os crimes virtuais de racismo com mulheres negras na rede social *Facebook*.

Na coleta de dados foram utilizados três vetores de análise: raça, gênero e crime virtual. Como conclusão ressaltam-se as facilidades para a criação de perfis falsos que possibilitam que os crimes virtuais fiquem cada vez mais graves no tom de agressividade. Esses crimes foram observados em maior contundência mais pela raça do que pelo gênero, pelo número de xingamentos racistas. Considerando o artigo ter sido publicado em 2016, momentos de grandes tensões políticas e sociais não havia leis mais severas com relação a dados como já temos hoje em 2021. No entanto, os crimes virtuais já eram alvos de fortes discussões, críticas e busca de soluções.

O sexto artigo traz o estudo de Oliveira (2016), intitulado «Narrativas em rede: O feminismo negro nas redes sociais». O artigo reporta o feminismo negro no Brasil e a construção de narrativas que permeiam visibilização da opressão, dominação e discriminação racial através de compartilhamentos de experiências pelas redes sociais. O estudo traça um mapeamento descritivo do movimento de mulheres negras desde as manifestações sociais até o ativismo nas redes sociais tendo como objetivo compreender esses espaços de luta a produção, informação, multiplicação e divulgação das narrativas de mulheres negras em rede.

Dentre as manifestações mais consideradas a mais influentes por serem divulgadas nas redes destaca-se: a marcha nacional das mulheres negras, marcha do empoderamento crespou em Salvador e as blogueiras negras mais influentes da internet. O trabalho concluiu que o movimento feminista negro no Brasil vem ganhando novas nuances de atuação através das redes sociais e novas estratégias de luta organizada estão solidificando as pautas nas quais as narrativas ajudam na formação de uma rede de ajuda e fortalecimento de mulheres que identificam na própria história a história de outras mulheres provocando uma agenda política e social para este tempo.

No sétimo artigo, Barros (2009) traz a pesquisa «Feminismo negro na internet: Cyberfeminismo ou Ativismo Digital?». O artigo discute sobre o campo de atuação criado pela internet para ativismos e lutas sociais, tendo o ciberfeminismo e o ativismo digital como problematização da pesquisa para contextualizar o feminismo negro em rede.

No artigo não há uma explicação clara sobre o método utilizado para coleta de dados, somente como esses dados seriam discutidos. Aparentemente é uma análise descritiva na qual a autora define o conceito de ciberfeminismo relacionando ao ativismo digital e como esse ativismo se desenvolve em rede.

Considerando que o artigo foi publicado em 2009, naquele momento a autora concluiu que o movimento de gênero feminino negro nas redes ainda não se poderia denominar de ciberfeminismo, pois havia em maior expressividade uma transmissão de conteúdos de fruição estética. Nesse sentido, a autora compreende que o ciberfeminismo nomeia iniciativas de enfrentamento às desigualdades de gênero e no caso do feminismo negro às questões raciais e não havia ainda nenhum tipo de intervenção mais rígida naquele momento.

4. CONCLUSÃO

Os trabalhos possuem relação nas temáticas, campo de pesquisa, objetos de estudos e apresentaram resultados similares no que diz respeito às redes sociais como campo de pesquisa dotado de significados importantes para a luta de gênero negro, descolonização e processo de ressignificação racial. Em geral, todos os trabalhos articulam sobre a militância, as metodologias de interpretação de fenômenos relacionados à desconstrução de contradições do corpo imagético e a construção de uma proposta de estética negra autoafirmada pelas redes sociais.

Em uma análise por área, percebe-se que os artigos de pesquisa desenvolvem análises nas áreas de Ciências Humanas, destacando-se em: (1) Ciência da Comunicação, (1) Estudos Interdisciplinares de gênero, (2) na Educação, (2) em Estudos Interdisciplinares da Comunicação e (1) nos Estudos de Mídias. Nesta busca, não foram encontrados trabalhos neste campo, nas Ciências Exatas, por exemplo.

Nos sete trabalhos analisados aparece o caráter intencional de militância, resistência, representações imagéticas reivindicadas, novas matrizes discursivas que são descoladas possivelmente para novos padrões de uma estética negra politizada para emancipação. Nesse sentido, os trabalhos demonstraram que discursos e modos de representações comportamentais sedimentam padrões sociais que estruturam o pensamento e o comportamento de toda uma nação como é o caso do Brasil e o seu triste histórico de escravidão e sexismo, tratado nos sete trabalhos.

É sensato sugerir que a construção das análises trabalhadas pelos autores poderia ganhar maior consistência de cientificidade e dados de tônica refratária se as metodologias utilizadas para a coleta de dados fossem voltadas para trabalhos em redes sociais atreladas a outras tipologias que investigam o campo do ciberespaço. Essas tipologias utilizam interfaces mais apropriadas para a questão racial em rede, sendo que se percebe, a partir de 2015, maior apropriação de metodologias voltadas para a pesquisa das redes. Dos sete artigos analisados, somente Paz e Junqueira (2019) utilizou a etnografia virtual como metodologia para analisar rede social.

Durante o processo de análise de dados observam-se os dois trabalhos que utilizaram como metodologia Análise Interseccional. Em nossa visão, o método utilizado não fica claro para quem lê o trabalho, vez que os protocolos, padrões, categorias e critérios utilizados para a coleta de dados e interpretação dos fenômenos aparecem fragmentados. Os relatos foram analisados à luz de autores que estudam e utilizam o método. Porém, os marcadores que organizam um passo a passo não são claros.

Observando as análises de um modo geral, ressalta-se a necessidade de fortalecer o registro do rigor metodológico, para que cada vez mais o ciberespaço seja explorado e contribua com a interpretação de fenômenos que ajudem as Ciências Sociais e outras áreas que fazem ciência a responder e solucionar questões sociais.

Não são poucas as vozes que aparecem no limiar desses trabalhos e as angustias projetadas em um campo de grandes complexidades, conflitos subjetivos, confrontos e um «grito entalado» na garganta de mulheres subjugadas por um sistema que insiste em silenciá-las. No entanto, esse grito ecoa mundo afora com a assinatura da ciência que as encaminham de volta para sua verdadeira essência, sua estética, sua verdade, sua casa.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

REFERÊNCIAS

- Almeida, C & Brandão, B. M. P. (2018). Participação e Inserção Social: protagonismo da mulher negra em canais do Youtube. *Revista Observatório*, 4(1), Janeiro-Março, Palmas – Tocantins. <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2018v4n1p630>
- Barros, Z. (2009). Feminismo negro na internet: Cyberfeminismo ou Ativismo Digital? *Academia Accelerating the world's research*. https://www.academia.edu/1497162/Feminismo_negro_na_Internet. Acesso em: mar. 2021.
- Cruz, D. A. C. S. & Brandão, C. W. G. S. (2018). *Representação da Mulher Negra na Cultura Digital: combate ao preconceito na Rede*. XX Redor, Encontro da Rede Feminista do Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero UFBA- Salvador.
- Davis, A. (2016). *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo Editorial, 255 pp.
- Ferreira, N. S. (2002). As pesquisas denominadas «estado da arte». *Educação & Sociedade*, São Paulo, ano 23, n. 79, 257-272.
- Fragoso, S., Recuero, R. & Amaral, A. (2013). *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre: Sulina.
- Lobo, M. M. O. & Maciel, C. (2021). O Gênero Negro Feminino nas Redes Sociais: o que Revelam as Produções Acadêmicas. In *Women In Information Technology (WIT)*, 15. Evento Online. *Anais [...]*. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 320-324. ISSN 2763-8626. DOI: <https://doi.org/10.5753/wit.2021.15874>
- Maciel, C. (2014). *A internet como ferramenta educacional*. Cuiabá: UFMT/UAB, EdUFMT.
- Munanga, K. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade Nacional versus Identidade Negra*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Munanga, K. (1999). *Negritude: Usos e Sentidos*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1988.
- Oliveira, T. B. (2016). *Narrativas em rede: O feminismo negro nas redes sociais*. Anais do I Seminário Nacional de Sociologia da UFS. Programa de Pós Graduação em Sociologia – PPGS Universidade Federal de Sergipe – UFS.
- Paz, T. & Junqueira, E. S. (2019). Narrativas audiovisuais de mulheres negras no youtube e mobilização de processos formativos. *Educação & Linguagem*, 22(1), 23-38.
- Raul, J. M. (2019). Entre silêncios e protestos: uma reflexão sobre escrita preta no ciberespaço. *ReDoc Revista Docência e Cibercultura*, 3(3), dez., 166. Rio de Janeiro,
- Romanowski, J. & Ens, R. T. (2006). As pesquisas Denominadas do Tipo «Estado da Arte» em Educação. *Revista Diálogo Educacional*, 6(19), sep., pp. 37-50. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Brasil.
- Silva, T. P. & Braga, C. F. (2016). *Racismo e sexismo Sofrido por Mulheres negras no Facebook*. Intercom. Sociedade brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXIX Congresso brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo.
- Souza, N. S. (1983). *Tornar-se Negro ou As vicissitudes da identidade do Negro Brasileiro em Ascensão social*. Graal, 2.ª edição. Rio de Janeiro.

